

## **Política de Israel para o Líbano: possibilidades de paz duradoura?**

*Tainá Leandro  
06/08/2006*

No dia 12 de julho de 2006, o grupo Hezbollah, considerado terrorista pelos EUA, Europa e Israel, seqüestrou dois soldados israelenses, depois de levar a cabo ação armada que resultou na morte de outros oito, no intuito de barganhar troca de prisioneiros. O Primeiro Ministro de Israel, Olmert, diferentemente de seu antecessor Ariel Sharon, recusou-se a negociar com Hezbollah a libertação dos soldados. Ao invés disso, iniciou uma ação militar contra o Estado libanês: impôs bloqueio naval e aéreo e lançou mísseis principalmente ao sul do Líbano, com o objetivo de debilitar o poder militar do Hezbollah e retirar-lhe os meios de atacar Israel no futuro. Por sua vez, o Hezbollah respondeu aos ataques israelenses lançando mísseis em direção às cidades fronteiriças.

Por um lado, é possível identificar motivos de segurança. Por outro, motivações de cunho político para a retaliação israelense, considerada por muitos um ato desproporcional. O arsenal pertencente ao Hezbollah foi ampliado, de tal forma que passou a ser considerado pelos generais israelenses uma ameaça estratégica que, em algum momento, deveria ser eliminada. Contudo, muitos ressaltam que a razão primeira para a postura israelense é política. Isso porque, diferentemente de seus antecessores, o Primeiro Ministro e seu Ministro da Defesa não são ex-generais. Assim, visam construir credibilidade frente ao eleitorado, ao mostrar um posicionamento assertivo em temas relacionados à segurança de Israel. De fato, grande parte dos israelenses apóia os ataques ao Líbano: cerca de 81%<sup>1</sup> da população se mostrou favoráveis a essa postura dura, enquanto que 58% desejam que os ataques continuem até que o Hezbollah deixe de ser uma ameaça.

Contudo, a ofensiva israelense não acarretará, necessariamente, maior segurança a sua população, ou maior estabilidade à região. A intensidade dos ataques israelenses a todo território, inclusive às áreas não dominadas pelo grupo no sul e no norte do país, debilita um Estado que já demonstra dificuldades de controlar todo seu território e de exercer o monopólio do uso legítimo da força. De fato, a destruição da infra-estrutura libanesa enfraquece o poder do Estado, bem como debilita a já frágil coalizão governamental. Isso se torna particularmente preocupante quando se considera a necessidade de um Estado libanês forte para fazer frente ao grupo Hezbollah e exigir o seu desarmamento juntamente com o desmonte de sua milícia. Tal comportamento advém, em parte, da percepção de Israel que o grupo Hezbollah não responde ao Estado libanês, mas sim à Síria e Ira. Logo, as variações na capacidade e poder do primeiro seriam pouco relevante no que tange ao controle do grupo, mas sim os posicionamentos do Irã e da Síria. No entanto, apesar do Hezbollah depender fortemente destes dois países para o apoio logístico, não se pode afirmar que o grupo responde automaticamente a seus pleitos. O Hezbollah tem certa autonomia de decisões e também leva a cabo táticas próprias.

---

<sup>1</sup> Dados da revista *The Economist*, de 22 a 28 de julho de 2006. Reportagem “Ending will be harder”.

De fato, é justamente nas regiões em que a presença estatal é baixa no que se refere ao fornecimento de segurança e de outros serviços sociais, como subúrbios e favelas, que tais grupos instalam-se. É questionável a possibilidade de que um Estado cujo PIB advém em 25% das atividades turísticas e cuja infra-estrutura foi sensivelmente prejudicada pelos ataques israelenses consiga ampliar seu controle sobre as regiões dominadas pelo Hezbollah. Principalmente quando o isolamento em que se encontram muitas das cidades libanesas, bem como o número de deslocados internos, aumentam consideravelmente os níveis de pobreza do país. Assim, o Líbano pode tornar-se um ambiente propício para o surgimento de novos grupos que se articulem com o objetivo de prejudicar Israel, seja por meio de ações contra soldados israelenses, seja por meio de ataques terroristas.

Por outro lado, debilitar o grupo Hezbollah até que este deixe de representar uma ameaça a Israel é um objetivo um tanto quanto intangível. Principalmente quanto se trata de um grupo não-estatal, que não se organiza em formato de exército e tampouco veste uniformes. Desde que se iniciaram os ataques, cerca de 400 pessoas foram mortas e estima-se que há cerca de um milhão de refugiados e de deslocados internos. Ademais, a estrutura física e econômica do Líbano foi fortemente atingida, uma vez que estradas, aeroportos, usinas de energia foram destruídas. O ataque indiscriminado de Israel a cidades e edifícios que, presumidamente, estariam ocupados por membros do Hezbollah, tem como consequência um grande número de civis mortos ou feridos, o que aumenta sua impopularidade frente à comunidade internacional e, principalmente, frente à população mulçumana.

É patente o aumento do número de manifestações contra Israel e Estados Unidos, nos países da região. Muitos se agruparam em praças para queimar as bandeiras destes países, levando bandeiras amarelas em apoio ao Hezbollah. Por outro lado, a inabilidade dos líderes árabes em articular-se para proteger a população do Líbano faz com que estes sejam percebidos pela sua população como impotentes frente ao Ocidente, o que pode diminuir seu respaldo interno. Os ataques de Israel podem ter como consequência o aumento das fileiras de mulçumanos dispostos a morrer pela causa libanesa e palestina, tornando mais forte os laços de lealdade das massas mulçumanas a esses grupos. Pesquisas do Centro de Comunicações de Jerusalém afirmaram que 77%<sup>2</sup> da população da Faixa de Gaza apóiam os seqüestros de soldados israelenses, enquanto 67% acreditam tal tática deveria ser utilizada mais constantemente.

Os ataques de Israel podem ter sucesso no que tange ao objetivo de enfraquecer o grupo Hezbollah. Contudo, não alteram as causas estruturais que permitem o surgimento de grupos terroristas na região: Estados fracos, incapazes de controlar todo o território; descrédito da população mulçumana nas instituições formais como meio de solucionar os problemas enfrentados e fazer frente às posturas unilaterais israelenses; deterioração econômica e pobreza de grandes faixas populacionais da região; falta de alternativas econômicas e políticas para a população palestina.

A política israelense para o Líbano não aumentará a segurança de Israel, tampouco a estabilidade regional. Isso porque enfraquece o principal agente que poderia fazer frente ao Hezbollah no intuito de lograr seu desarmamento: o Estado Libanês. E não soluciona as questões estruturais que acarretam a articulação de grupos terroristas contra Israel. De fato, pode alterar o equilíbrio de poder entre Estado e atores não-estatais, no sentido de fortalecer os últimos. Sob essas condições, a possibilidade de paz a longo prazo é questionável. Ao invés disso, percebe-se um ciclo vicioso em que momentos de estabilidade são seguidos por momentos de recrudescimento da violência.

---

<sup>2</sup> Dados da revista *The Economist*, de 22 a 28 de julho de 2006. Reportagem “Ending will be harder”.